



A CARTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO GLOBAL DA ESTRATÉGIA POLÍTICA

Omar Emir Chaves

General-de-Exército da Reserva de 1.ª Classe, autor de numerosos trabalhos de História, entre os quais se destaca o livro "Fronteiras do Brasil", publicado em 1943 pela Biblioteca do Exército. É sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Só, não faz muito tempo, os EUA, pelas idéias de Spykman, compreenderam que o isolacionismo americano foi uma estratégia adotada em consequência de interpretação deformada da perspectiva geográfica mundial.

Segundo o entendimento americano, logo após a primeira guerra mundial, os oceanos que circundam o país e as Américas, constituíam áreas passivas, facilmente defensíveis; seja por uma força naval, mediante tática flexível baseada a curta distância no território nacional, seja por um sistema de defesa de costa, por fogos em barragem, colocando o inimigo a uma distância de neutralização pelo alcance. Esta concepção e a consequente visão estratégica e política dos estadistas e dos militares americanos, eram fundadas em falsos conceitos decorrentes da interpretação cartográfica segundo a projeção de Mercator.

A Alemanha utilizando a guerra submarina desde o primeiro conflito mundial, intentou descartar-se da concepção de uma barreira naval de superfície, essencialmente possibilista, predominante durante a época da superioridade do poder marítimo inglês.

A vitória gera a confiança e os vencedores de 1918, por muito pouco escaparam da derrota, não fossem as forças americanas em adestramento na área do Chemin des Dames. Na interpretação geográfica deformada pela projeção de Mercator, na finalização do conflito, essa confiança caolha produziu um completo desconhecimento da situação real do mundo, de consequências quase fatais.

No campo político, a geografia não pode ser interpretada em termos regionais, senão que pela avaliação conjunta do "mapa mundi". Sem uma visão global equilibrada e realista dos cinco continen-

tes, não será possível decidir com acerto em termos de estratégia política e militar. A Coréia e o Vietnã são exemplos frizantes da má interpretação geopolítica considerada pela cúpula americana. Poucos compreendem as implicações conseqüentes desta política, quando se afirma que se trata de um mundo redondo e já hoje pequeno, rodeado de oceanos navegáveis e de espaço aéreo permeável pelo mais pesado que o ar até para além da atmosfera.

Infelizmente a representação cartográfica do mundo redondo e pequeno, em qualquer das projeções adotadas não indica com precisão o verdadeiro posicionamento das massas terrestres no conjunto do relacionamento geopolítico das nações. Só as duas guerras globais que ocorreram em 1914 e 1939, permitiram, a um preço alto em vidas, compreender a lição correspondente às destruições e às baixas nos conflitos armados, o que nos viabiliza ver, pela geopolítica, o verdadeiro quadro global de um futuro próximo. Compreendemos então que não temos olhado o mundo nas suas verdadeiras dimensões, o que tem sido responsável por uma visão míope dos fatos e dos determinantes de conflitos por vezes adiáveis ou superáveis, mediante compensações reequilibrantes do poder, o que quase sempre ocorre, trazendo como conseqüência a corrida armamentista.

Até hoje o mapa do mundo que domina a imaginação dos estadistas, com vistas específicas ao comércio internacional, é a carta de Mercator. Só agora começamos a compreender que esta projeção cilíndrica do mundo redondo, engendrada por um cartógrafo flamengo há 400 anos, destinava-se, sobretudo, a fazer a história do mundo baseada no estudo das rotas comerciais e na prevalên-

cia do espaço marítimo. Esta concepção, para além do "mare nostro", apareceu com a navegação do Mar Oceano, as possibilidades da circunavegação e da pirataria inglesa desde o século XIV. Os "Vikings" não representaram papel importante na conceituação do poder marítimo, uma vez que as suas incursões transoceânicas foram esporádicas e não traduziam um plano geopolítico, como as portuguesas do século 15, comandadas por D. João II, o Príncipe Perfeito, nem significavam conquista e ocupação territorial.

As impressões da projeção Mercator, tão fascinantes e importantes para os políticos ingleses, criaram um conceito que permitiu o domínio e a conquista do mundo desconhecido ou fracamente defendido, pelos marítimos e militares de todas as nacionalidades. Assim sendo, para uma guerra global, a justificação de estratégia do inimigo permite uma compreensão visual do mundo, ocasionada pelas estratégias em confronto. Não se tem olhado o mundo globalmente. Tem sido aceita invariavelmente a imagem que nos proporciona a Projeção de Mercator. Este esquema tem prestado, certamente, admiráveis serviços, sempre que possa interessar às regiões equatoriais que constituem a faixa de tangência do sistema e nela se enfatizam as rotas mantidas pelas loxodrômicas que determinam. Os troços começaram quando foi concedido ao sistema Mercator o monopólio da interpretação cartográfica global como instrumento evolutivo de avaliação política. E isto aconteceu ainda quando o espaço terrestre e o espaço aéreo foram considerados fatores vitais de uma geoestratégia pertinente e irreversível, em presença do poderio tentacular das nações continentais. Na segunda guerra mundial, esta

concepção resultou num completo desajuste político, na interação dos beligerantes em confronto, porque a projeção Mercator deformando as áreas tropicais e polares, não permitia expressar as relações entre as esferas de poder e o poderio das potências em oposição. Todas essas fazem parte da história. Tudo indica que os governos, atualmente, estão considerando melhor as inter-relações de poder entre as nações e revendo, em tempo, os erros e a ignorância geográfica de cada país como fator determinante da estratégia de guerra, alterando assim "os fundamentos da política internacional em termos de equilíbrio de poder, única solução compatível com o progresso da tecnologia da guerra. Temos que, pela informática e pela propaganda, apreciar, com flexibilidade necessária, a imagem exata e suficiente da potencialidade da cada nação. As distâncias e os obstáculos naturais, diante do possibilismo humano, não representam mais linhas naturais de defesa e de segurança, intransponíveis. As distâncias não são mais medidas pelas derrotas marítimas, senão que, e principalmente, pelo tempo de vôo nas rotas aéreas. Isto constitui uma expressão dinâmica do movimento estratégico em face de uma geopolítica de guerra. O dinamismo que se deve aplicar à imagem geográfica, decorre de uma constante mobilidade imaginativa com vistas a facilitar a consideração do mundo, apreciada de um centro permanente de tomada de decisões como Washington ou Moscou, ou qualquer outro que, em dado momento, estrategicamente, detenha tal privilégio como um centro de poder militar. Somente a avaliação política da terra como um globo, permite uma mudança de perspectiva. Daí porque a consideração de uma única proje-

ção cartográfica como a de Mercator, impede a justa estimativa dos problemas geopolíticos vistos como centros de poder, que representam em dado instante potencialidades efetivas, para a tomada de decisões ponderáveis. Para cada centro de poder como Washington, Londres, Paris, Bonn, Moscou, Nova Dhely, Pequim, Tokio e Rio de Janeiro, a visualização no campo político apresenta conotações típicas do ponto de vista das possibilidades de cada um. Daí a necessidade de uma representação cartográfica que indique as correlações políticas consideradas a partir de cada centro, exigindo, portanto, ampla diversificação nos sistemas de projeção, de acordo com a posição geográfica de cada país. Precisamos ver o nosso mundo, mas, também, avaliar adequadamente o mundo do inimigo. A verdade importante consiste em que os grandes líderes políticos, embora possam ter uma inata compreensão da tática militar, pelo conhecimento do equipamento em uso e dos processos de combate, não têm, nem facilmente adquirem, como dizia Napoleão, o requisito principal da estratégia — o sentido geográfico. Normalmente, quando se apercebem das condições geoestratégicas como fator de decisão, já é tarde demais e então sobrevém a derrota. A derrota de Napoleão em Waterloo, não foi por falta de visão geoestratégica, senão que pela inobservância de princípios táticos que prescreviam a perseguição como ato final da batalha, para destruir o inimigo, desativando-o. Ocorreu também que pela desmobilização do Grand Armée, por motivo do seu exílio na Ilha Elba, os quadros intermediários recrutados não possuíam a competência necessária para o desempenho das funções de comando das unidades combatentes. Este é o nosso ver.

Hausshofer, desenvolvendo o pensamento de Mackinder sobre a "terra-coração", formulou um sistema geopolítico que devia permitir à Alemanha dominar do Atlântico aos Urais e do Mediterrâneo ao Báltico, a partir do Lebensraum, a despeito da Royal Navy e do poder marítimo das nações aliadas, excluídos os EUA que persistiam na sua política isolacionista. A sua visão ampliada encarou o poder dominador de um bloco transcontinental em alianças com a Rússia e o Japão que felizmente desfez-se quando Hitler atacou a URSS. A evidência das nossas afirmações reportam-se aos mapas e propagandas que concordam plenamente com os do Zeitschmit que informou o planejamento da Geopolítica Alemã. Ainda desta vez a projeção Mercator serviu de fundamento às concepções de Hausshofer. Pelo exame do tal documento, ficou patente o interesse que podia despertar a América do Sul, em convergência, para a avaliação da cobiça de cada um, olhada de Berlim, Tokio, Moscou e Washington. Dessas concepções poderíamos concluir certas evidências que denunciam os possíveis interesses dos centros de poder situados no hemisfério norte pela América do Sul e conseqüentemente pelo Brasil.

Numa primeira regra para o uso de uma cartografia adequada, impõe-se a adoção de um sistema de projeções condizentes com a temática na qual deve predominar o problema político a resolver. Para a solução de situações de estratégia de guerra, se faz necessário que todas as áreas estratégicas sejam representadas, em conjunto, por valores equivalentes de superfície e população. Não há pois como confundir a estratégia com

a tática e, para cada situação, a cartografia requerida deve representar, sem escala conveniente, as áreas, as distâncias, os rumos e os aspectos culturais do espaço em estudo.

A estratégia do Japão, país que considerava o espaço marítimo como capital para o desenvolvimento da sua estratégia global, conforme se verifica no Plano Tanaka, tinha para o Pacífico Central um programa de operações que deu certo por causa dos efeitos da surpresa e do perfeito adestramento das suas F.A.. Ainda mais, sendo uma área equatorial, a projeção Mercator atendeu satisfatoriamente à interpretação dos aspectos geoestratégicos e políticos. O erro maior da estratégia política japonesa em relação aos EUA, foi considerar a política isolacionista americana, como uma conseqüência geográfica e não como uma atitude de pura política interna, decorrente de uma errada interpretação do espaço marítimo como fator preponderante nas possibilidades de um conflito global. Aliás, a estratégia americana foi muito influenciada pela teoria de A.T. Mahan que considerava uma estratégia global naval e que colocava as ilhas Hawai como fundamentais para a defesa da costa oeste americana. Mahan não recomendava igual prioridade para o Alaska. Foi, sem dúvida, mais uma influência errônea da interpretação do quadro geográfico, segundo o visual da projeção Mercator.

Nenhum país pode possuir ou impor o monopólio geográfico da interpretação política. O sentido geográfico e a visão estratégica de um conflito global são armas importantes nas decisões da guerra.